

**SABER-SE VIVAS E VIVOS NO ENSINO DE BIOLOGIA: APONTAMENTOS
INICIAIS DE UM DIÁLOGO COM EPISTEMOLÓGICAS
AFRODIASPÓRICAS**

**SABERSE VIVO Y VIVIR EN LA ENSEÑANZA DE LA BIOLOGÍA: NOTAS
INICIALES SOBRE UN DIÁLOGO CON LAS EPISTEMOLOGÍAS
AFRODIASPÓRICAS**

Kelly Meneses Fernandes

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia (PPGEFHC-UFBA)
popovi12@gmail.com

RESUMO

Este texto toma a ginga como epistemologia da resistência afrodiáspórica e a ética do bem-viver como enredamentos para proposição de um alargamento da noção de vida no ensino de biologia. Problematizamos o racismo epistêmico como um dos elementos de produção de subjetividades cindidas operadas a partir da noção de vida já estabelecida no ensinar Biologia. Experiências coletivas de vida se entrelaçam na crítica à racionalidade eurocêntrica, que para além do racismo, exalta uma suposta neutralidade e elementos sexistas na noção hegemônica de ciência. Assim, buscamos um ensino de biologia conectado a vida como memórias grafadas nos corpos das populações negras.

Palavras-chave: vida; epistemologia afrodiáspórica; ensino de biologia;

Eixo temático: 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: Pesquisa acadêmica.

RESUMEN

Este texto toma la ginga como epistemología de la resistencia afrodiáspórica y la ética del buen vivir como enredos para proponer una ampliación de la noción de vida en la enseñanza de la biología. Problematizamos el racismo epistémico como uno de los elementos de la producción de subjetividades escindidas a partir de la noción de vida ya establecida en la enseñanza de la biología. Las experiencias colectivas de vida se entrelazan en la crítica a la racionalidad eurocéntrica, que además del racismo, exalta una supuesta neutralidad y elementos sexistas en la noción hegemónica de ciencia. Buscamos enseñar biología de forma conectada a la vida como memorias escritas en los cuerpos de las poblaciones negras.

Palabras clave: vida; epistemología afrodiáspórica; enseñanza de la biología;

Eje temático: 7. Inclusión e interseccionalidad en la enseñanza de las ciencias y la biología.

Modalidad: Investigación académica.

APRESENTAÇÃO

Ensinar biologia no diálogo com epistemologias afrodiaspóricas, como a ginga, é uma possibilidade de chamamento a pensar/viver o processo de um ensino que diz sobre a vida, em um jogo inacabado de avivamento das memórias grafadas em nossos corpos, professores/as e estudantes. Um jogo interminável de produção de bem-viver que não se sustenta na estrutura de dominação sexista, misógina, racista, monológica, monorracional, eurocêntrica da noção de vida já estabelecida no ensino de biologia. A proposta de reflexão assim em construção dialoga com as perguntas colocadas por Alice Pagan (2018), quando ela nos convoca a pensar se não estaríamos falando de uma ciência da morte quando nos remetemos à ciência da vida, a Biologia; e como podemos dizer que ela seria a ciência da vida, se ela parte de corpos mortos para estudar a vida. Assim como, reivindico junto com Rufino (2023, p. 8), que “a redução da concepção de vida a partir de um padrão dominante de ser/saber/poder tem aquebrantado a educação”.

Como afirmam Pagan *et.al* (2021, p. 132) o ensino de Biologia ainda está centralizado por uma “visão eurocêntrica sobre a vida, provocando silenciamentos de outros saberes, cosmovisões e epistemologias”. Epistemologias afrodiaspóricas reivindicam outras formas de pensar a vida, atravessadas pelas experiências e estratégias de resistência dos diferentes sujeitos da diáspora africana. Abrir espaços para o diálogo com conhecimentos subjugados, contra o desperdício da diferença dos sujeitos que os produzem, pode ser um modo de produção de outros enfoques metodológicos e epistemológicos no ensino de Biologia, em que as perspectivas biológicas não sejam as únicas (BARZANO; MELO, 2019).

Derivado da pesquisa de doutorado em andamento na área de Educação Científica e Formação Docente no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC-UFBA), este texto pretende ser um exercício de problematizações sobre acerca da noção de vida, ensino de biologia, ginga como epistemologia afrodiaspórica e ética do bem-viver.

Uma pesquisa que emerge da questão: quais as possibilidades de se ampliar a noção de vida no ensino de biologia, a partir da interlocução com a ginga como epistemologia afrodiaspórica e a ética do bem-viver? Portanto, uma pesquisa que invoca minhas experiências como mulher negra, professora de ciências/biologia, iniciante na capoeira angola, atravessada pelos encontros coletivos com pessoas negras, mulheres negras, para propor como possibilidade, uma noção de vida ampliada no ensino de biologia, que elege a ginga e a ética do bem-viver como epistemologias para a produção dessa noção. Nesse enredamento de reflexões, buscamos tensionar o padrão de se pensar a ciência, que se desdobra na noção dominante de vida no ensino de Biologia, modulado não somente por elementos racistas, mas sexistas e misóginos.

Proponho uma interseção de conhecimentos a fim de pensar as possibilidades de ampliação da noção de vida no ensino como parte de inventar um arranjo educativo a favor da política de vida e contra a política de morte, de extermínio do outro, especificamente das pessoas negras, inscrita na noção de vida limitada naquilo já determinado como parte do ensinar biologia.

Em parceria com grupos de pesquisas interdisciplinares, como o Grupo DICCINA (Diversidade e Criticidade nas Ciências Naturais- PPGEFHC/UFBA), e com o LEAM (Laboratório de Estudos e Aprontos Multimídia- relações étnico-raciais na cultura digital), viemos desenvolvendo uma pesquisa teórica, buscando a construção de uma reflexão teórica visando a proposição de uma noção de vida ampliada para o ensino de Biologia. Motivada pelas minhas diferentes vivências, utilizo da ginga, da ética do bem-viver, da poesia, como elementos de artesanato de uma escrita que também seja a expressão de como venho, ao propor uma noção de vida ampliada, reunindo narrativas de minha história que dizem de minhas disponibilidades, dificuldades, para construir uma vida perpassada por epistemologias afrodiaspóricas.

Ginga, bem-viver, e também outros conceitos vêm sendo pensados não só a compor um balaio teórico, mas também metodológico da pesquisa em andamento. Por exemplo: a ginga como perspectiva metodológica dá a noção de vida que queremos propor, um caráter de movimento, de circularidade, expressão das subjetividades, singularidades, entre outras dinâmicas. E ao mesmo tempo, temos pensado a ginga como possibilidade de alinhar uma escrita que não tem formato pré-definido, que é expressão do corpo que vai criando estratégias para viver junto.

Acreditamos que existam muitas possibilidades de novas abordagens sobre a noção de vida. Como afirmam Coutinho, Mortimer, El-Hani (2007, p.116), “o conceito de vida é polissêmico”. Apesar de não ser o suficiente para a organização da Biologia, como um campo científico, definir o conceito de vida compõem o processo de organização das teorias, modelos que a Biologia aborda (COUTINHO, MORTIMER, EL-HANI, 2007). Ao iniciarmos uma pesquisa de doutorado que se sustenta em uma proposição de ampliação da noção de vida, reconhecemos e não buscamos a deslegitimação da noção de vida já estabelecida ao longo da constituição da Biologia como campo. A ampliação é fundamento para uma perspectiva interdisciplinar, intercultural. Deste modo, nos interessa, epistemologias afrodiáspóricas, abordadas no cruzamento dos campos da Filosofia, História, Sociologia.

Assim, nesse texto, na continuidade desse exercício de pensar a pesquisa em andamento, apresentaremos na primeira seção, apontamentos iniciais sobre a noção de vida já estabelecida no ensino de biologia, situando-a como elemento do racismo epistêmico. E na segunda seção, refletiremos brevemente como a ginga enquanto epistemologia e a ética do bem viver, podem compor como campo de possibilidades de alargamento da noção de vida, implicando em ampliações sobre o ensinar biologia.

RACISMO EPISTEMICO E NOÇÃO DE VIDA ESTABELECIDADA NO ENSINO DE BIOLOGIA

O racismo epistêmico se inscreve como tentativa de abatimento das vidas, corpos, presenças e das epistemologias subalternizadas. Estamos a dizer do epistemicídio, mecanismo que vem operando um modelo de educação como projeto político dominante, que tem perpetrado uma “desqualificação estética, ética, intelectual e espiritual de todos os povos não-europeus” (NOGUERA, 2019, p.440). Eurocentrismo e epistemicídio como faces de um mesmo projeto que tem limitado o nosso conhecimento sobre o mundo, que este mesmo sendo tão diverso e plural, a nos é ensinado que apenas um povo deteve o poder de afirmar o que é válido ou não, nos fazendo pensar o mundo a partir de uma única lente como se esta fosse universal. Acompanhados dessa validade, os conhecimentos produzidos pelo privilégio de homens ocidentais passam a ser determinados como

verdade em detrimento da inferiorização dos conhecimentos de outros povos (GROSFOGUEL, 2016).

O racismo epistêmico enquanto um dos aportes teórico da pesquisa, opera não somente como um elemento que reduz a noção de vida a uma perspectiva eurocêntrica de mundo, mas como provoca Carneiro (2005), é um processo que se destina ao controle do corpo individual e coletivo, que tem atestado sua existência se assim for disciplinado, morto, anulado. Mais do que um conceito que serve à definição dos limites de estudo do campo da Biologia, a noção de vida que nasce da passagem da História Natural à constituição da Biologia, com suas raízes eurocêntricas, também é uma forma de produção de subjetividades cindidas, que não seriam credibilizadas a partir da noção dominante de vida já estabelecida no modo como ensinamos biologia.

O modo do pensamento eurocêntrico, que diz de uma racionalidade ocidental, ao reduzir a noção de vida ao prefixo “bio” (bio=vida; logos=estudos) que faz sentido para o que é a Biologia, ciência que estuda a vida, e também para o modo como ensinamos e aprendemos biologia, desde a instituição desse ensino, “produz humanidades em detrimento da destruição de outras formas de existência” (RUFINO; PEÇANHA; OLIVEIRA, 2018, p. 76). Ao ensinar sobre a vida, vamos ensinando também que as pessoas negras e todas as populações subalternizadas podem ser reduzidas a tabelas, a um conjunto de células, ou a decodificação de nossos códigos genéticos. Entretanto, existem outras formas de existências, que atravessam por exemplo, as matrizes de saberes afrodiaspóricas, que promovem uma visão mais integrada sobre a vida, “uma interconexão radical entre todos os elementos da natureza humana e não humana” (NASCIMENTO, 2016, p. 157). Nessas matrizes de saberes, conceber-se viva e vivo não implica numa separação entre nós e a natureza (somos natureza!), assim como a vida não é somente resultado de um acúmulo de genes, ou do desenvolvimento fisiológico. A vida, também é uma dinâmica que acontece em conexão com a ancestralidade e na construção de coletividades.

EPISTEMOLOGIAS AFRODIASPÓRICAS PARA UMA NOÇÃO DE VIDA AMPLIADA

O título que leva esse texto é uma referência ao pensamento de Neusa Santos Souza, uma mulher negra psicanalista, que ao refletir sobre os aspectos envolvidos nos processos de

construção das emocionalidades de pessoas negras, afirma que “ser negra é mais do que a constatação do óbvio” (SOUZA, 1983, p.46). As experiências vividas por cada pessoa negra conferem a possibilidade de refletir que “saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada...mas é também, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história” (op.cit). O conhecimento produzido e divulgado nos livros de Biologia dá conta de explicar, pela lente da racionalidade ocidental, que sou um ser vivo, e, portanto, estou viva, por possuir um corpo carregado de células vivas.

Entretanto, como proposta de ampliar a noção de vida, nos aproximamos de epistemologias afrodiaspóricas que nos ajudam a perspectivar a vida e o estar viva/vivo para além das constatações óbvias, como ter células. Saber-se viva e vivo, neste caso, também pode ser o reconhecer-se vários/as e ao mesmo tempo um, dizer-se viva através das memórias ancestrais grafadas no corpo, experienciar viver em infinito movimento de estar junto com o outro, e sentir-se natureza inteira. Uma noção de vida ampliada que venha credibilizar outros saberes de existência, que atravessam a vivência das populações negras subalternizadas.

Nessa perspectiva, a partir das minhas experiências na capoeira, venho apreendendo a capoeira angola e a ginga como um “comportamento mediado por uma ética própria” (ARAÚJO, 2017, p.2), que direcionam a vida, reinterpretando-na e reelaborando-na pelas “possibilidades de diálogos e negociações” (op.cit, p. 6). A ginga como “rota inventiva para a reivindicação do ser” (RUFINO; PEÇANHA; OLIVEIRA, 2018, p. 80), e não somente como movimento de corpo, tensiona epistemologicamente as abstrações que compõem a noção de vida já estabelecida no ensino de Biologia, que não aborda as singularidades como diferentes culturas se apropriam da noção de vida. A ginga como epistemologia, pode ser um caminho de pensarmos a vida como movimento, que conta e narra singularidades a partir do corpo. Não gingamos com os pés fincados no chão. Ao gingar, nos dizemos vivas/vivos reivindicando o balançar dos nossos corpos. E nos dizemos vivas/vivos no encontro com o outro, no estar naquilo que Araújo (2017) chama de “separadamente juntas/os”. Epistemologicamente, a ginga pode nos fornecer um caráter dinâmico, criativo, inventivo, inacabado, de reconhecimento das singularidades, do movimento para ampliar a noção de vida já estabelecida no ensino de biologia.

Praticar um ensino de biologia a partir da ginga como epistemologia, pode significar um assumir o caráter das memórias grafadas no corpo para pensar o processo educativo, bem como reconhecer que no encontro com os/as estudantes em aulas de biologia, suas histórias de vida também contam sobre estarem vivos/as. Suas vidas não podem ser somente reduzidas a um código genético ou a características que podem ser quantificadas. Com a ginga, por exemplo, aprendemos que o viver não pode ser quantificado, repetido, medido, enclausurado em definições e classificações.

Trago também o conceito do bem-viver, conceito cunhado pelos movimentos de mulheres negras e indígenas, que aborda a valorização dos princípios comunitários; o suposto antagonismo entre homem e natureza; que afirma que não é possível uma vida comunitária sem o combate às desigualdades de raça, gênero, sexualidade e outras; e que a vida também pode ser concebida como um espaço biossocial e não somente biológico (Assis 2021). Este é o conceito que pautou a Marcha Nacional de Mulheres Negras, realizada em 2015, em Brasília, com o título *Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e a Violência e pelo bem viver como nova Utopia*. Assim, no conjunto dessas epistemologias, nos interessa pensar um ensino de Biologia interdisciplinar que, sem excluir a noção biológica sobre a vida, possa ser uma tarefa educativa, um espaço de relações entre sujeitos, estudantes e professores/as, em que seus corpos, suas memórias grafadas no corpo, suas histórias e experiências, suas singularidades sejam fundamentos de potencialização do que já chamamos de vida a partir dos conteúdos de Biologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apostamos neste texto na ginga e na ética do bem-viver como possibilidades de pensar/sentir/viver um ensino de biologia fundamentado também em epistemologias afrodiaspóricas. Um ensino em que os/as estudantes negros/as possam se ver como seres inteiros. Seres que assumem o compromisso com a natureza, porque são natureza, porque sabem que a ancestralidade é essa dança circular e que por isso precisamos cuidar da (nossa) natureza. Um ensino de biologia que tensione as linearidades das tabelas, das linhas do tempo que colocam a vida como essa linha reta que passa entre nascimento, crescimento, reprodução, e chega naquilo que supostamente seria seu oposto, a morte. E assim, um ensino de biologia que seja movimento, que a ancestralidade e o tempo sejam espirais para o reconhecimento de nossas coletividades.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosângela Costa. Ginga, uma epistemologia feminista. Seminário Internacional Fazendo Gênero. 11 & 13th Women's Worlds Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis: 2017.

BARZANO, Marco Antonio Leandro; MELO, André Carneiro. SABERES DA BIODIVERSIDADE: perspectivas decoloniais no currículo do ensino de biologia. Revista Teias, [S.L.], v. 20, n. 59, p. 191-208, 20 dez. 2019. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/teias.2019.45302>.

ASSIS, Dayane Nayara Conceição de. Contra o Racismo, Sexismo e pelo Bem-Viver!: mulheres contra hegemônicas pensando uma nova forma de ser e existir. **Albuquerque**: revista de história, [S.L.], v. 13, n. 26, p. 33-46, 28 set. 2021. Albuquerque: revista de história. <http://dx.doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.12181>.

Carneiro, Sueli. (2005). A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. 2005. 339f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

COUTINHO, Francisco Ângelo; MORTIMER, Eduardo Fleury; EL-HANI, Charbel Niño. Construção de um Perfil para o Conceito Biológico de Vida. **Investigações em Ensino de Ciências**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 115-137, jun. 2007.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século xvi. **Sociedade e Estado**, Brasília//, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Sobre os candomblés como modo de vida: imagens filosóficas entre áfricas e brasis. **Ensaio Filosóficos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 153-170, ago. 2016.

NOGUERA, Renato; DUARTE, Valter; RIBEIRO, Marcelo dos Santos. Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico. **O Que nos Faz Pensar**, [S.L.], v. 28, n. 45, p.

434, 30 dez. 2019. O Que Nos Faz Pensar.
<http://dx.doi.org/10.32334/oqnf.2019n45a693>.

PAGAN, Alice Axenadre; SCANAVACA, Raíza Padilha; MARIN, Yoner Alexander Orozco; CASSIANI, Suzani; MACIEL, Marcia Regina Antunes. Cosmovisões Etnocientíficas no Ensino de Biologia: algumas reflexões. In: URBAN, Samuel Penteadó (org.). Conhecimento Popular e Acadêmico em diálogo: educação e práticas emancipatórias: educação e práticas emancipatórias. Mossoró: Eduern, 2021. p. 9-182.

_____. O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 7, p. 73-86, 2018.

RUFINO, Luiz. **Ponta-Cabeça**: educação, jogo de corpo e outras mandinga. Rio de Janeiro: Mórula, 2023. 108 p.

_____; Cinézio Feliciano Peçanha (Mestre Cobra Mansa); OLIVEIRA, Eduardo. Pensamento Diaspórico e o "Ser" em Ginga: deslocamentos para uma filosofia da capoeira. *Revista de Humanidades e Letras*, [s. l], v. 4, n. 2, p. 75-84, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983